

Recessão: abril será um mês decisivo

183 MÔNICA MAGNAVITA

Abril vai ser decisivo para definir que País será este, daqui para a frente. E o que se viu até o momento não tem sido nada animador, em termos de perspectiva de crescimento. O nível de ocupação das indústrias saiu dos 79%, registrados pela última Sondagem Conjuntural da Fundação Getúlio Vargas, para algo em torno de 55%, segundo estimativas preliminares da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Além disso, o faturamento das empresas no mesmo período, ainda segundo a CNI, tem girado em torno de 40% (chega a 25% em alguns segmentos) do registrado em fevereiro.

Mas o pior é que não há perspectivas de mudança a curto prazo, já que até o momento o comércio mantém praticamente paralisadas suas encomendas à indústria. E não é para menos. As vendas tiveram uma queda de aproximadamente 50%, desde o último dia 15. Os proprietários de bares, restaurantes e casas noturnas da cidade também viram o movimento cair em quase 50% no período.

Além dessa retração, há outra razão para a falta de encomendas às indústrias. A maioria das lojas, conforme informações do Clube dos Diretores Lojistas, tinha um bom volume de estoques em fevereiro, na medida em que, dessa forma, investiam em ativos reais e se mantinham relativamente protegidos de um possível calote a ser aplicado pelo novo Governo sobre a dívida interna.

Por essa razão, em março, assim como nesta primeira semana de abril, os comerciantes trataram de vender a qualquer preço as mercadorias estocadas. Só que, mesmo sem produtos novos para pôr nas prateleiras, não fizeram encomendas. Até porque, segundo o Presidente da Flupeme (entidade que reúne as pequenas e médias empresas do Estado do Rio), Benito Paret, os cruzeiros gerados com as vendas nessas últimas semanas não foram suficientes para a reposição dos estoques.

As indústrias, por sua vez, também tinham feito estoques antes do Plano Collor, como forma de investir

em ativos reais, e muitas delas, agora, estão se limitando a negociar estes estoques com o comércio. Como explica Sílvio Salles, economista do Departamento de Indústria do IBGE, a produção praticamente parou na maioria dos setores, em função dos estoques elevados. Exceção feita ao segmento de alimentos, diz Marco Antônio Guarita, técnico do Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Guarita coordenou uma pesquisa, em fase final de análise, sobre a situação das indústrias pós-Plano Collor, e constatou que um dos únicos segmentos que têm mantido as máquinas funcionando para atender a novos pedidos foi o de alimentação. Isso porque o setor não tinha condições de guardar mercadorias, já que se trata de produtos altamente perecíveis. Mas, apesar disso, as empresas do ramo de alimentação vão fechar o mês de março com faturamento negativo.

No setor eletroeletrônico, as vendas do comércio ainda não se refletiram em novas encomendas às indústrias. Ao contrário, a falta de mercadorias que começa a surgir em alguns lugares é sinal claro de impasse nas negociações entre as duas partes. As lojas, observa o Chefe do Departamento Econômico da CNI, José Augusto, queimaram seus estoques nessas últimas semanas, vendendo a preços muito abaixo do necessário para garantir a reposição das mercadorias. Agora, estão barganhando com as indústrias descontos sobre os preços e maiores prazos de pagamentos.

— Como o comércio tem uma capacidade maior do que a do setor industrial para gerar cruzeiros, seu poder de barganha aumenta — observa José Augusto. Por isso, espera-se por um processo de negociação duro pela frente.

Em outras palavras, os lojistas serão obrigados a reduzir seus pedidos, comprando menos mercadorias e reduzindo a variedade de produtos. A indústria, por sua vez, não terá outra alternativa a não ser a de adequar sua produção à nova demanda. Quando esse processo se alastra por toda a economia, os acadêmicos costumam chamá-lo de recessão.